

Rostos em Torno da Cruz

(Marcos 15:21–47)

Joe Schubert

O relato de Marcos acerca da crucificação do nosso Senhor é sutilmente diferente dos relatos dos outros escritores dos Evangelhos. Ele omite muitos fatos que os outros incluem. Na verdade, a descrição real das palavras e atitudes de Cristo durante a crucificação, em Marcos, limitam-se a cinco breves versículos. Quando esses cinco versículos são reunidos e lidos de uma só vez, a história relatada por Marcos ganha corpo.

E levaram Jesus para o Gólgota, que quer dizer Lugar da Caveira. Deram-lhe a beber vinho com mirra; ele, porém, não tomou. Então, o crucificaram e repartiram entre si as vestes dele, lançando-lhes sorte, para ver o que levaria cada um... À hora nona, clamou Jesus em alta voz: Eloí, Eloí, lamá sabactâni? Que quer dizer: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?... Mas Jesus, dando um grande brado, expirou (vv. 22–24, 34, 37).

Do versículo 37 em diante, o foco do Evangelho de Marcos não está em Jesus, mas nas pessoas paradas junto à cruz. Marcos apresenta indivíduos, ou grupos de indivíduos, que se juntaram em torno da cruz e observaram a crucificação. Marcos traz esses personagens à nossa frente um por um, para que vejamos as diversas reações humanas a esse terrível acontecimento. Se Jesus fosse crucificado hoje, as mesmas pessoas estariam reunidas ali em torno da cruz. O elenco de personagens não se alteraria. As mesmas atitudes básicas presentes no primeiro século estariam presentes hoje. A crucificação de Jesus é verdadeiramente um acontecimento que transcende o tempo.

SIMÃO: O QUE CARREGOU A CRUZ (15:21)

A primeira dessas descrições de personagens encontra-se no versículo 21, onde Marcos retrata um incidente que ocorreu quando Jesus estava

a caminho da cruz. No caminho da sala de julgamento de Pilatos para a cruz, Jesus caiu com o peso da cruz. Os soldados romanos agarraram um estranho dentre a multidão e o forçaram a carregar a cruz para Jesus. No versículo 21, Marcos registra: “E obrigaram a Simão Cireneu, que passava, vindo do campo, pai de Alexandre e de Rufo, a carregar-lhe a cruz”.

Aquele deve ter sido um dia nebuloso para Simão Cireneu. A Palestina era um país subjugado e qualquer homem poderia ser pressionado pelo exército romano a realizar determinadas tarefas. Bastava um tapinha na lateral do ombro por parte do oficial romano armado.

Simão, diz Marcos, era de Cirene, na África. Sem dúvida, ele havia ido a Jerusalém naquela ocasião para a observância da Páscoa. No momento em que Simão foi arrancado da multidão e obrigado a carregar a cruz para Jesus de Nazaré, ele deve ter se indignado com aquela intromissão indesejável. A Bíblia pressupõe que esse acontecimento causou um impacto tremendo na vida de Simão. Um indício disto pode ser encontrado no livro de Atos ao se relatar que Simão tornou-se cristão por conta de uma súbita interrupção em seus planos. Em Atos 13:1 é citada uma lista de certos homens que eram membros da igreja em Antioquia, a igreja que enviou Paulo e Barnabé na primeira missão evangelística aos gentios. Alistado entre os homens está um pelo nome de Simeão que também era chamado Níger. Simeão é simplesmente outra forma para Simão, e Níger diz respeito a uma pessoa de pele negra, como seria o caso de um habitante da África. Cirene, a terra natal de Simão, ficava na África. É muito possível que esse Simeão, chamado Níger, membro da igreja em Antioquia, fosse o mesmo Simão Cireneu, que foi obrigado a carregar a cruz de Jesus. Se for esse o caso, então depois de um tempo, Simão tornou-se um líder na igreja

em Antioquia e foi um dos homens fundamentais na organização da primeira missão evangelística aos gentios.

Marcos diz que Simão era pai de Alexandre e Rufus. A única razão para Marcos ter mencionado esses dois nomes seria porque eram bem conhecidos aos leitores gentios do Evangelho de Marcos. Eles deviam ser cristãos bem conhecidos no primeiro século. Em Romanos 16, Paulo menciona um Rufus que fora um achegado cooperador da obra e cuja mãe fora especialmente bondosa para com o apóstolo. Se esse Rufus for o mesmo citado por Marcos, então o marido dessa mulher era ninguém mais do que Simão Cireneu.

OS SOLDADOS ROMANOS: OS QUE ERGUERAM A CRUZ (15:24)

Reunidos em torno da cruz propriamente estavam os soldados que haviam pregado Jesus na cruz, aqueles cruéis soldados romanos que provavelmente já haviam crucificado centenas de pessoas. Convém lembrar que aquele era um período turbulento, problemático e agitado na Palestina. Muitas pessoas foram sendo crucificadas nesse período. Sem dúvida, esses soldados tinham muita experiência em crucificação. Ao terminarem a rude tarefa de pregar as mãos e os pés de Jesus na cruz, Marcos diz que eles não conseguiram pensar em outra coisa senão sentar-se e começar a tirar a sorte, apostando quem ficaria com a capa pertencente a Jesus.

Esses soldados representam para sempre um exemplo clássico dos indivíduos insensíveis que não demonstram interesse algum pela história da cruz e que dão de ombros com uma indiferença indolente a qualquer um que tente fazê-los prestar atenção ao que realmente aconteceu no Calvário dois mil anos atrás.

OS CRIMINOSOS: OS QUE LHE FIZERAM COMPANHIA NA CRUZ (15:27, 32)

Também relacionados com a cruz estavam os ladrões que foram crucificados com Jesus. Marcos diz no versículo 27: “Com ele crucificaram dois ladrões, um à sua direita, e outro à sua esquerda”. Poucos versículos adiante, Marcos acrescenta que os que foram crucificados com Ele também lançaram insultos contra Ele. Esses dois homens haviam sido presos num motim de terror e violência. Eram revolucionários profissionais. A

filosofia deles era: “Dê o máximo de si em tudo o que puder, sem se importar com quem será ferido no processo”. Eles classificaram Jesus na categoria deles e O consideraram um criminoso também. Lançaram suas frustrações sobre Ele. Insultaram-nO porque Ele não podia fazer por eles, pensavam eles, mais do que por Si mesmo.

Marcos não diz o que aconteceu a esses ladrões, mas os outros evangelistas dizem. Os outros Evangelhos dizem que um dos ladrões, ao observar tudo o que se passava, arrependeu-se dos insultos que proferira contra Jesus e disse: “Nós, na verdade, com justiça, porque recebemos o castigo que os nossos atos merecem; mas este nenhum mal fez” (Lucas 23:41).

Um dos belos aspectos da história da crucificação é que, um pouco antes de Jesus dar o Seu último suspiro, um dos ladrões, ao observar a reação de Jesus a tudo o que se passava, num momento de reconhecimento da verdade, viu que ali estava um homem prestes a entrar num reino e que nesse reino Ele teria grande poder e autoridade. Esse ladrão lançou-se perante a misericórdia de Jesus e gritou em alta voz a ponto desta ecoar através dos séculos: “Jesus, lembra-te de mim quando vieres no teu reino” (Lucas 23:42). Jesus respondeu a ele com estas palavras que vieram a se tornar famosas: “Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso” (Lucas 23:43).

OS TRANSEUNTES: OS QUE RIDICULARIZARAM A CRUZ (15:29–32)

Nos versículos 29 a 32, Marcos fala de certas pessoas que transitavam por ali e que se aproximaram da cruz de Jesus. Marcos diz: “Os que iam passando, blasfemavam dele, meneando a cabeça e dizendo: Ah! Tu que destróis o santuário e, em três dias, o reedificas! Salva-te a ti mesmo, descendo da cruz!... desça agora da cruz o Cristo, o rei de Israel, para que vejamos e creiamos”.

Esses sacerdotes altivos e arrogantes têm os seus equivalentes hoje em dia naqueles que, debaixo da capa da religião, insultam os aspectos mais sagrados da fé cristã.

O HOMEM ANÔNIMO: O QUE OBSERVAVA A CRUZ (15:35, 36)

Havia outro sujeito junto à cruz interessado em todos esses pormenores. O nome dele não é mencionado. Era apenas um dos observadores.

Ele entrou em cena quando Jesus clamou a Deus: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (v. 34). Marcos acrescenta que quando alguns ouviram esse clamor disseram: “Vede, chama por Elias!” (v. 35). Mas um deles correu e embebeu uma esponja em vinagre, colocou-a na ponta de um caniço e deu-a para Jesus beber, dizendo: “Deixem-no. Vejamos se Elias vem tirá-lo daí” (v. 36; NVI). As palavras hebraicas que Jesus estava dizendo — “Eloí, Eloí, lamá, sabactâni” — soavam como Elias. Por isso, as pessoas facilmente as confundiram.

À primeira vista, parece que esse homem foi movido por compaixão. Ele correu e pegou o vinagre, colocou-o numa esponja e ergueu-a até a boca de Jesus. Parece que ele estava tentando aliviar um pouco o sofrimento, oferecendo uma espécie de anestésico para diminuir a dor. Mas, analisando com mais atenção o relato de Marcos, vemos que esse não era o principal motivo. O que esse homem estava dizendo era: “Vamos atrasar a morte dele”. O vinagre era para que Jesus não morresse tão rapidamente. “Espere”, disse ele, “vamos ver se Elias virá tirá-lo da cruz. Ele está chamando Elias. Vamos prolongar a vida dele. Vamos ver se isso vai mesmo acontecer”.

Esse homem foi movido por curiosidade, e não por compaixão. Dentre tudo o que se passou ao redor da cruz de Jesus, nenhum incidente é mais característico dos dias atuais do que o desejo insólito por uma excitação eletrizante conforme demonstrou esse homem.

A essa altura, Jesus morreu. Ele clamou em alta voz e deu o último suspiro. Marcos ainda apresenta outros três grupos de pessoas reunidas ao redor da cruz. Essas pessoas, porém, pertenciam todas a uma categoria diferente. Após a morte de Jesus, nenhuma palavra é mencionada sobre qualquer insulto, escárnio ou censura contra Ele. As pessoas que estavam na linha de frente da cruz no momento da Sua morte eram as que O amavam e admiravam.

O CENTURIÃO: O QUE RECONHECEU A IMPORTÂNCIA DA CRUZ (15:39)

A primeira pessoa da outra categoria de pessoas ao pé da cruz era o centurião. Ele é mencionado em Marcos 15:39. Ele era o centurião romano encarregado da equipe de crucificação. Marcos diz: “O centurião que estava em frente dele, vendo que assim expirara, disse:

Verdadeiramente, este homem era o Filho de Deus”.

A respeito desse centurião nada sabemos absolutamente até que ele surge aqui à luz do rosto falecido de Jesus. O fato dele ser um soldado romano indica que ele fazia parte do exército mais impiedoso que o mundo já conheceu, um exército cujas vitórias de guerra permaneceram quase insuperáveis por mais de setecentos anos. O fato dele ser um centurião, um comandante, sugere que ele era um homem de meia-idade, com vários anos de serviço prestado e cujo bom desempenho o elevara a essa alta posição. O negócio da crucificação não era novidade para ele. Ele já tinha visto criminosos irrecuperáveis, assassinos cruéis e homicidas políticos pendurados nessas cruzes. Em Jesus, porém, ele viu uma perfeição moral que todos os anais da história não incluíam. Uma forte convicção tomou conta dele. Ele rompeu com o silêncio daquele momento de horror proferindo as seguintes palavras com a robustez de um soldado: “Verdadeiramente, este homem era o Filho de Deus”. Ele nunca havia visto uma morte como aquela. Os insultos que foram proferidos contra Jesus na cruz teriam fervido de raiva o sangue de um soldado, mas Jesus reagiu a eles com total autocontrole. O centurião era, sem dúvida, um pagão, e cria em muitos deuses. Ele se conscientizou de que um terrível engano fora cometido na crucificação de Jesus de Nazaré. De repente, ele se deu conta do verdadeiro caráter de Jesus e fez a ousada confissão: “Verdadeiramente, este homem era o Filho de Deus”. Uma antiga tradição, defendida pelo menos por um escritor do terceiro século, é que esse centurião era um soldado romano chamado Lonjinis. Segundo essa tradição, ele teria sido convencido pelos milagres que acompanharam a morte de Cristo a tornar-se cristão, sofrendo, mais tarde, martírio por causa da sua fé.

AS MULHERES: AS QUE PRANTEARAM JUNTO A CRUZ (15:40, 41)

Nos versículos 40 e 41 Marcos também descreve um grupo de mulheres que estavam reunidas em torno da cruz:

Estavam também ali algumas mulheres, observando de longe; entre elas, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, o menor, e de José, e Salomé; as quais, quando Jesus estava na Galiléia, o acompanhavam e ser-

viam; e, além destas, muitas outras que haviam subido com ele para Jerusalém (vv. 40, 41).

Esta é uma ocorrência estranha. Onde estavam os homens? Onde estavam Tiago, João e Pedro? Sabemos pelos outros Evangelhos que João estivera na cruz mais cedo com Maria, mãe de Jesus. Durante as primeiras horas da crucificação, Jesus encontrou tempo, em meio ao sofrimento, para falar com João e entregar o cuidado de Sua mãe às mãos desse apóstolo. Agora, porém, parece que João partira levando Maria, a mãe de Jesus, consigo. Só restaram essas outras mulheres. Elas estavam confusas, sensibilizadas e em profunda tristeza. Elas O amavam tanto que não poderiam estar em outro lugar. O amor foi fiel a Jesus. Mesmo quando o intelecto não era capaz de entender, o amor foi fiel a Ele.

Mulheres! Elas foram as últimas pessoas a estar com Jesus na Sua morte. Foram as primeiras a saberem de Sua ressurreição. Esse é um tributo maravilhoso à sensibilidade espiritual das mulheres.

JOSÉ: O QUE TIROU O CORPO DE JESUS DA CRUZ (15:42-47)

Marcos relata uma cena concludente nos versículos 42 a 47:

Ao cair da tarde, por ser o dia da preparação, isto é, a véspera do sábado, vindo José de Arimatéia, ilustre membro do Sinédrio, que também esperava o reino de Deus, dirigiu-se resolutamente a Pilatos e pediu o corpo de Jesus. Mas Pilatos admirou-se de que ele já tivesse morrido. E, tendo chamado o centurião, perguntou-lhe se havia muito que morrera. Após certificar-se, pela informação do comandante, cedeu o corpo a José. Este, baixando o corpo da cruz, envolveu-o em um lençol que comprara e o depositou em um túmulo que tinha sido aberto numa rocha; e rolou uma pedra para a entrada do túmulo. Ora, Maria Madalena e Maria, mãe de José, observaram onde ele foi posto.

Agora encontramos José de Arimatéia, o discípulo secreto, membro do Sinédrio. João 19:38 diz que José era um discípulo secreto de Jesus porque ele temia os judeus. Marcos acrescenta que ele era um membro preeminente do Sinédrio. Lucas diz que ele era um homem bom e justo, e que não concordou com a decisão do Sinédrio (Lucas 23:50, 51).

Embora se sentisse atraído pelos ensinamentos de Jesus, José de Arimatéia temia revelar isso a todos. Em todo o relato do julgamento de Jesus, José de Arimatéia não é mencionado. Embora a Bíblia diga que ele não concordara com o que acontecera perante o Sinédrio, ele não teve coragem de falar publicamente em defesa de Jesus. Quantas vezes isto ainda acontece hoje em dia. Pode acontecer para pessoas boas e justas como José. Nós nos mantemos calados em vez de falar abertamente quando o assunto é óbvio.

Após a morte do Senhor, quando o corpo de Jesus estava pendurado no madeiro, Marcos diz que José de Arimatéia finalmente levantou-se para ser notado. Jesus fez mais por José de Arimatéia através de Sua morte do que fez através de Suas palavras e feitos em vida. Ver Jesus naquela cruz evidentemente encheu José de vergonha e arrependimento. Não podemos imaginar o remorso que lhe corroeu por dentro. Por que ele se esquivou de Jesus por tanto tempo? Por que recusou-se a ser identificado com Ele? Por que não se declarou Seu seguidor? Durante os três anos do poderoso ministério de Jesus, por que José nunca ficou ao lado dele? As palavras ditas muito tempo depois por Agostinho devem expressar os sentimentos de José de Arimatéia: "Tarde demais vim a Te amar".

José foi intrepidamente, diz Marcos, ter com Pilatos. Com a sede de um homem que estava ansioso por aplacar dias de oportunidades perdidas, ele rogou pelo corpo de Cristo. E no seu próprio túmulo, preparado para o seu próprio enterro de luxo, ele sepultou o corpo de Jesus.

Em meio a esses episódios em torno da cruz, Marcos enumera três acontecimentos cruciais. Em primeiro lugar, ele menciona o clamor de Jesus nas últimas três horas, quando aquela misteriosa escuridão cobriu a face da terra. Do meio da escuridão Jesus ecoou o grito: "Eloí, Eloí, lamá, sabastâni? Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" Em segundo lugar, ele registra que Jesus deu Seu último suspiro. Em terceiro lugar, ele diz que o véu do templo, o véu que separava o Santo dos Santos, foi rasgado de cima a baixo.

Jesus levou sobre Si as nossas vidas. Ele fez o nosso trabalho e enfrentou as nossas tentações. Ele sofreu virtualmente tudo o que a vida poderia Lhe impor. Ele conheceu o fracasso dos amigos, o ódio dos Seus inimigos, a malícia dos adversários. Naquele momento, Jesus já

havia passado por todas as experiências da vida, exceto uma. Ele jamais experimentara as consequências do pecado. A separação de Deus era uma experiência humana que Jesus não conhecia. Jesus não tinha pecado. Não havia explicação adequada para essa pergunta que saiu dos lábios de Jesus, a não ser a explicação dada pelas próprias Escrituras em 2 Coríntios 5:21: "Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus". Nesse momento terrível, cruel, vazio, Jesus verdadeiramente identificou-se conosco. Deus, nessa hora, fez Aquele que não tinha pecado se tornar pecado e O abandonou. De todo o sofrimento que Jesus suportou na cruz, ser abandonado por Deus foi a maior agonia de todas.

O fato do véu partir-se ao meio simbolizava a abolição da velha aliança, e a entrada dos cristãos na presença do próprio Deus. Só o sumo sacerdote passava por esse véu uma vez por ano. Mas esse véu foi rasgado, simbolizando que qualquer pessoa poderia então ter acesso a Deus diretamente, por meio da morte de Jesus.

Nunca houve na história registrada nenhum drama mais completo do que esse. Marcos reúne todos esses acontecimentos numa sequência rápida para entendermos o significado da cruz.

CONCLUSÃO

Corações são esvaziados ao pé da cruz. A cruz lança fora nossa hipocrisia. Ela nos deixa desnudos perante Deus.

A crucificação não termina num túmulo. Não há esperança num túmulo. Graças a Deus, Marcos 16 nos dá o quadro glorioso da ressurreição. Temos de ler somente mais seis versículos para ouvirmos os anjos dizerem às mulheres: "Não vos atemorizeis; buscais a Jesus, o Nazareno, que foi crucificado; ele res-

suscitou, não está mais aqui..." Servimos a um Deus vivo e ressurreto. A morte dEle é a nossa expiação; a ressurreição dEle é a nossa esperança! ✦

A Avareza não Compensa

Antes de morrer, um homem chamou seu melhor amigo e disse: "Eu lhe dou todos os meus bens. Dê a minha esposa o que você quiser; guarde o resto para você".

Quando o homem morreu, o amigo pegou 90% da herança para si, e deu à viúva 10%. Esta ficou indignada. O marido a amava e com certeza não deixaria tão pouco para ela!

Então, a mulher intimou o amigo perante o juiz. Este, após ouvir os argumentos, sentenciou: "O marido disse para você dar à esposa o que você *quisesse* e para guardar o restante para você. Você *quis* 90%, então dê isto para ela. Os 10% são para você".

Seja um Cavaleiro

"Meu rapaz", disse certo pai ao filho, "trate a todos com educação, até mesmo aqueles que são rudes com você; pois lembre-se de que você demonstra cortesia aos outros, não porque eles são cavaleiros, mas porque você é um cavaleiro."

Vida Vitoriosa

Helen Keller uma vez disse: "Tenho, assim como outras pessoas, tomado decisões que eu não cumpri ou simplesmente cumpri pela metade; mas esta que lhe envio... é a nota que dá o tom à minha vida. É a seguinte: sempre considerar como mera ousadia da prosperidade as aflições sobrepostas à minha vida. Decidi que elas não vão dominar a minha alma, mas que vou fazê-las florescer como a vara de Arão, com flores".